

Meu caro amigo e companheiro Hugo Chávez, que não sei se é só Presidente da Venezuela ou se já começou a incorporar Roraima, tantas foram as palavras de emoção ditas pelo Governador e replicadas por ele, mas, realmente, é uma satisfação para todos nós, brasileiros, recebê-lo aqui, mais uma vez.

Há pouco, disse, na Venezuela, que me sentia feliz por ser, talvez, o Presidente brasileiro que mais tenha visitado a Venezuela. Creio que estive na Venezuela, depois de Presidente, umas cinco vezes. Mas o Presidente Hugo Chávez veio ao Brasil mais do que eu fui à Venezuela. De modo que estamos, realmente, muito contentes com a sua presença aqui.

Senhor Governador Neudo Campos, cuja generosidade, ao expressar os agradecimentos a mim, e cuja sobriedade em fazer pedidos me deixou tão contente nesta tarde; Senhores Ministros de Estado da Venezuela, tão numerosos, e do Brasil, aqui presentes também; Senhora Vice-Governadora do Estado de Roraima; Senhor Presidente da Assembléia Legislativa; Senhor Desembargador; Senhores Comandantes, General Guilherme, Comandante da Amazônia; Senhores Comandantes das nossas Forças do ar e de terra,

E com muita satisfação para mim também a quantidade tão grande de Parlamentares; os nossos Senadores, aqui presentes, todos; os Líderes; o Líder Arthur Virgílio, que é Líder no Congresso; Romero Jucá, que é Líder no Senado; os Deputados todos aqui presentes; e muito especialmente a Prefeita,

Hoje de manhã, Dona Tereza Jucá, estávamos lá, na Venezuela, e era aniversário do Fidel Castro. Ele fazia 75 anos. Uma idade bonita. Ele disse que espera que, agora, com os novos cálculos de longevidade, chegue a 120. Eu até o desafiei a que fosse comigo e com o Presidente Hugo Chávez. Nós tínhamos uma promessa de que, no dia em que o Brasil fizer a ponte, junto com a Venezuela, no Orinoco, que vamos fazer, que nós dois vamos atravessar a nado o Orinoco. E convidei o Fidel Castro, que é mais apropriado para essas façanhas “maotsetunguianas”. Mas, hoje, ele faz 75 anos.

Pois bem, é com muita alegria que deixo aqui meu abraço à Tereza Jucá, que faz a terça parte disso, amanhã.

E, saudando a nossa Prefeita, saúdo também todos aqueles que representam os vários níveis da política aqui presentes, também os Senhores Embaixadores aqui presentes, o Presidente da Eletrobrás, o Presidente da Eletronorte, os funcionários executivos da Eletronorte, alguns dos quais tivemos a possibilidade de apertar as mãos para expressar a nossa satisfação.

Pois bem, eu queria dizer que nós, hoje de manhã, estivemos, realmente, energizando ou reenergizando a linha de transmissão de Santa Elena de Uairén. Como é que se diz a expressão que você disse há pouco? “Cerrar la cochilla”. Bom, isso foi um momento em que, simbolicamente, se faz um movimento mecânico que permite que a energia venha da Venezuela para cá. Pois bem, isso foi a primeira parte dessa celebração.

Agora, aqui, nós estamos nesta nossa cidade de Boa Vista reiniciando alguma coisa que tem esse sentido de celebração. É claro que é muito importante para Roraima, muito importante para Boa Vista, será muito importante para as outras cidades. Com o Programa Luz no Campo, vamos levando, aí, adiante, com essas alianças,

essas parcerias que temos feito. Mas mais importante do que tudo é o significado simbólico deste sonho que é a ligação entre o Brasil e a Venezuela. Essas linhas simbolizam uma união.

Eu disse, há pouco, lá na Venezuela, que um dos professores de Bolívar e companheiro de Bolívar tinha dito que, no caso dos países bolivarianos e dos países latino-americanos, era preciso inventar, porque, se não se inventasse, se teria caído em erro. Ou inventamos ou erramos. A expressão inventar queria dizer o seguinte: queria dizer que é preciso criar formas novas, formas próprias de crescimento econômico, de desenvolvimento. Era esse o sentido da mensagem.

Pois bem, traduzindo em linguagem contemporânea, eu disse, há pouco, e repito aqui, que o que simboliza essa linha é o fato de que ou nós nos integramos ou erramos. E não vamos errar. Vamos nos integrar crescentemente, porque sabemos que essa é a vontade dos nossos povos.

Creio que muitos passos já foram dados nessa direção da integração. E também muitos passos da integração dentro do Brasil. Não poderia deixar de falar, Presidente Chávez, também da integração dentro do Brasil. Estamos, aqui, a cerca de 800 km de Manaus. Perguntei há pouco ao delegado da Polícia Federal que, como eu, nasceu no Rio de Janeiro, a quantos quilômetros nós estamos do Rio de Janeiro. Cinco mil quilômetros do Rio de Janeiro. E me disse o Governador Neudo Campos que 5 mil quilômetros é mais ou menos a mesma distância entre Boa Vista e Miami. E o Rio de Janeiro dista do Sul mais uns 3 mil quilômetros.

Portanto, possivelmente, daqui até o Chuí, lá na fronteira com o Uruguai, ou qualquer outra cidade fronteira com o Uruguai ou com a Argentina, nós vamos ter uma distância de 7 mil quilômetros, 8 mil quilômetros, uma distância muito grande.

Nós vivemos, permanentemente, com essa idéia de uma integração. Nós nos unimos, obviamente, à Venezuela. O nosso marco BV-8 já é um sinal disso. Mas nós precisamos unir também o Brasil.

E essa união se faz, naturalmente, por energia, por telecomunicações, mas se faz, também, construindo estradas. E desde que eu fui Chanceler, tive uma preocupação – e era Governador Otomar Pinto,

a Marluce Pinto era, então, Senadora, há de se lembrar isso – desde que eu era Chanceler, me empenhei muito para que houvesse a ligação entre o Brasil e a Venezuela por terra, a BR-174.

E depois, quando era Ministro da Fazenda, fazíamos uma ginástica financeira para permitir que o Estado tivesse um dinheiro, naquele tempo se antecipava, com 30 dias de antecedência. Como havia inflação, isso era uma grande vantagem, desde que se pudesse usar para a construção da estrada.

Fiz isso de plena consciência, assim como tinha feito como Chanceler um esforço grande para a aprovação dessa BR-174. E, também, o Governo do Amazonas colaborou nisso, e essa estrada já hoje une. Une, primeiro, o Amazonas com Roraima, e une Amazonas e Roraima com a Venezuela. Une o Brasil com a Venezuela.

Essas questões são fundamentais, se nós quisermos, efetivamente, pensar num Brasil mais equilibrado. Nós precisamos ter um Brasil que se integre crescentemente.

É por isso que eu também, assim como fui muitas vezes à Venezuela, já vim várias vezes a Roraima. E, quanto possível, procuro estar presente na Região Amazônica. É uma região que simboliza esse sentimento de Brasil, de um Brasil que quer, realmente, ser uno.

E poucas emoções tive tão fortes na minha vida quanto uma noite que passei na Floresta Amazônica, no grupo de treinamento de luta na selva. Vi o esforço enorme que é feito lá e que é feito agora, também, em operações conjuntas com a Venezuela, porque nós não estamos fazendo essas operações contra a Venezuela, senão junto com a Venezuela, para garantirmos a integridade do nosso território amazônico.

Emoção igual senti quando fui a Urucu para ver as nossas reservas gasíferas de Urucu, de petróleo, para sentir o que a Petrobras fez lá, respeitando a natureza, o meio ambiente. É uma obra admirável no meio da selva.

E agora, dentro de poucas semanas, vamos ver os resultados de um edital que lançamos para ver de que maneira vamos aproveitar o gás daquela região para trazer, para energizar o conjunto da Região Amazônica.

De igual maneira, empenhei-me muito para que houvesse o chamado “Linhão do Tucuruí”, a hidrelétrica de Tucuruí, que gera, hoje, 4 mil megawatts, mas que dentro de pouco tempo vai dobrar essa produção. E, no fim do ano que vem, já vamos colocar mais uma turbina lá. Essa linha de Tucuruí ia do Pará para o Maranhão, mas não servia à região propriamente amazônica, e nós fizemos a energização desta região.

Uma noite em que fui lá, perto de Santarém, na verdade, em Altamira, para verificar a explosão de alegria que causou o fato de aquelas cidades que viam passar a energia por sobre suas cabeças, mas que não podiam nem fazer uma ligação dessas, clandestinas, que muita gente faz, pelo Brasil afora, porque é um linhão de alta energia de transmissão, passaram a ter a possibilidade de utilizar a energia. Isso modifica inteiramente a vida da região.

Posso antecipar, pelo que vi, nessa região do sul do Pará, o que vai acontecer aqui em Roraima com a questão de nós podermos levar a energia, não só uma energia firme, a Boa Vista e substituir o diesel que aqui funciona, mas como levar a energia para os rincões mais perdidos do campo de Roraima.

Tudo isso faz com que nós tenhamos um sentimento maior de integração e permite que sintamos os benefícios de participar de um todo mais amplo.

Nenhuma integração se mantém, nem a latino-americana, nem a nacional, quando alguns países, alguns segmentos da população se sentem excluídos. Não se mantém. Para que a integração se mantenha com força, para que ela possa transmitir, realmente, a energia cívica necessária para que as pessoas se juntem, para que haja coesão, é preciso que as pessoas sintam o benefício que recebem dela.

E todos nós sabemos que não é fácil. Aqui me referi aos líderes do Governo, que estão aqui presentes, que estão lá lutando, no Congresso, no Senado, como todos os demais lutam e sabem as dificuldades imensas que há, muitas vezes, para se conseguir algum avanço. Porque, muitas vezes, não há o conhecimento da situação. Outras vezes, há uma certa tradição de mesmismo. E nós não podemos pa-

rar de mudar. Nós temos que continuar reformando, reformando, mudando, mudando. Porque o Brasil só avança se mudar mais.

A receita para o Brasil melhorar não é: “Ai, meu Deus, mudou demais. Chega de reforma.” É o contrário: é mais mudança, mais audácia, mais reforma, menos temor de cortar nós de certos setores que ainda são arcaicos, seja na política, seja na economia, seja no clientelismo que existe nas ações sociais. É preciso mudar tudo isso, e continuar mudando. Mas se nós fizermos isso, as pessoas sentem, eu creio, a importância da integração.

E aqui nesta região, voando hoje na ida e na vinda de helicóptero para a Venezuela, vi campos infindáveis, planuras imensas, savanas imensas. Savanas imensas que são absolutamente agricultáveis. Uma agricultura que tem que respeitar, naturalmente, a fragilidade eventual do solo. Não pode ser uma agricultura selvagem. Tem que ser uma agricultura feita, já com a absorção de tecnologia mais avançada. Mas tem todas as condições para prosperar. E tem a estrada, e tem energia que vão permitir essa prosperidade. E falei de agricultura, mas a pecuária é óbvia nesta região também.

É claro que nós vamos ter que olhar as condições para continuar crescendo. E, portanto, vamos ter que dividir o barateamento da energia com as empresas que distribuem para que elas possam continuar investindo. Mas algum sinal sensível de melhora o povo vai ter. Pode, de início, não ser muita coisa, mas, mais de 5%, 6% é possível fazer, logo de início, para que nós possamos chegar ao nível de mostrar à população que isso que se faz não é só alguma coisa mecânica, como disse aqui o Presidente Hugo Chávez. Mas o que conta é gente, é a pessoa humana. Não adianta ter máquinas bonitas se nossas máquinas bonitas não melhorarem o bem-estar da população. Então, eu creio que esse atendimento poderá ser feito.

E voando por esses campos imensos e tão bonitos aqui, de Roraima, eu acho que o Ministro Raul Jungmann terá toda a boa vontade, como ele sempre teve. Ele, agora, está querendo ajudar a Venezuela. É caminho, Ministro. No caminho da Venezuela, o senhor pode passar por aqui e titular esta terra. Ajudar essa gente a ter terra. São

reivindicações que sei que são sentidas e que têm todo o cabimento. Temos, portanto, todo o interesse também em atender esse avanço.

Hoje, temos que olhar para esse quadro do Brasil, esse quadro latino-americano com uma visão nova, com uma visão autoconfiante. Até muito pouco tempo, tínhamos, nós, brasileiros, ainda, e também todos os demais, uma visão muito fechada para dentro de nós próprios. A Venezuela começou a olhar para o sul com o Presidente Caldera. Agora, botou binóculo para ver mais de perto com o Presidente Hugo Chávez. Até então, vivíamos pertinho um do outro, mas sem que olhássemos um para o outro.

Mas isso não é só aqui, com a Venezuela. A Bolívia, só agora temos o gasoduto que nos une à Bolívia. E, assim como aqui foi dito que não haveria energia suficiente na Venezuela para atender a Roraima, também se disse – mas se disse aos berros, até comigo, quando não era Presidente ainda; hoje, é mais difícil –, mas aos berros, que não havia gás na Bolívia. Gente muito importante deste país dizia que não havia gás na Bolívia. No mesmo momento em que tínhamos que assinar o tratado, houve quem se opusesse ao tratado. E, hoje, o gás da Bolívia está aí, abundantemente.

Com o Paraguai, já temos uma experiência mais antiga, de Itaipu. E, ainda recentemente, com o Primeiro-Ministro da Inglaterra, Tony Blair, fui com ele até Itaipu. E, mesmo para nós, que já conhecemos, é um choque permanente de emoção e de beleza, porque é uma catedral. Aliás, o nome do local chama-se Catedral. Quando se vai ver o antigo leito do rio Paraná e se olha para cima, onde está a barragem – e aquilo é feito sob forma de catedral – é um monumento à criatividade humana, à criatividade brasileira. E lá, Itaipu continua sendo a maior usina geradora de energia elétrica do mundo. E, daqui a pouco, vai ser superada por uma na China. Chama-se Três Gargantas. Só que as turbinas que vão gerar a energia da China estão sendo fabricadas – e fui ver também – em São Paulo, que é o maior centro de produção de turbinas e de geradores do mundo, em termos de tecnologia avançada. De modo que isso está mudando. E, hoje, temos o Paraguai integrado nisso.

E com a Argentina, estamos trazendo energia da Argentina para o Brasil.

É claro que, com tudo isso, tivemos problemas e temos. Mas estamos enfrentando, com muita coragem do nosso povo, a questão da falta de energia e com muita decisão também da parte da Administração, que, ao invés de esconder, disse do que se tratava, mostrou o quanto depende da chuva, o quanto depende de outros fatores. Não nos atemorizamos. O Ministro Pedro Parente e o Ministro José Jorge, ontem, no telefone comigo, estávamos confirmando que nós estamos cada vez mais distantes de um problema mais sério de “apagão” e cada vez mais próximos do momento em que vamos, com tranquilidade, dizer aos brasileiros que, sem exagero, vamos poder começar a atender reivindicações. E pedi até que olhassem com mais atenção para as pequenas e microempresas, que são as empresas que realmente empregam muito e que, para elas, talvez pudéssemos, assim que haja uma folga maior, ter também uma preocupação mais direta que permitisse que essas empresas pudessem vir a ter um desenvolvimento mais adequado.

Portanto, estamos, simplesmente, aqui reafirmando esses mesmos sentimentos de amizade para com a Venezuela, de vontade de integração latino-americana, de vontade de integração nacional, de confiança no futuro.

São 670 quilômetros de linhas. É bastante. É bastante, mas isso não nos atemoriza. São, nesse momento, cerca de 70 megawatts. Chegaremos a 200. O Brasil vai ter que produzir, nos próximos três anos, Ministro, não menos de 15 mil. É certo? Vinte mil, em três anos. Este é o tamanho do desafio do nosso país. Mas o tamanho desse desafio é um tamanho que, embora seja, realmente, desafiador, porque o próprio nome diz, não nos amedronta, por uma razão muito simples: nós temos gente boa, gente competente, gente que trabalha, gente que é solidária e temos vizinhos como os venezuelanos, que, no momento em que precisamos, entenderam que era preciso fazer esse esforço e também nos ajudaram.

Por todas essas razões, Governador, eu quero lhe dizer que hoje é um dia simbólico para mim. É um dia, realmente, de grande satisfação. Passei um dia inteirinho longe de Brasília. Os que vivem trabalhando lá sabem como o trabalho de Brasília, às vezes, é árido. Mas, de qualquer maneira, passei um dia muito agradável, muito feliz, porque pude ver a confiança que existe neste Brasil, a confiança que existe na Venezuela, a vontade de cooperação que existe entre todos nós.

E uma coisa que é muito própria de nós, latino-americanos: é que nós nos entendemos com facilidade. Nós não somos dados a protocolo. Nós gostamos de uma certa pitada de humor. E nós, quase nunca, levamos totalmente à risca o que dizemos, nem mesmo o Presidente Hugo Chávez foi capaz – depois do que o Presidente Fidel Castro fez, hoje de manhã – de falar só cinco minutos. E eu, então, falei muito mais. Desculpem-me, mas foi de pura alegria.

Muito obrigado.